

JOSÉ PINTO PEIXOTO • LUIZ MARIA DA CAMARA PINA • ANTÓNIO
JORGE ANDRADE DE GOUVEIA • JOSÉ TOSCANO RICO • MANUEL
JACINTO NUNES • JACINTO DO PRADO COELHO • FERNANDO DIAS AGUDO

COMEMORAÇÕES
DO
II CENTENÁRIO DA ACADEMIA
DAS
CIÊNCIAS DE LISBOA



PUBLICAÇÕES DO II CENTENÁRIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
LISBOA • 1995

DISCURSO PROFERIDO PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA
DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
PROF. DOUTOR J. PINTO PEIXOTO

Ex.^{mo} Senhor Presidente da República
Ex.^{mo} e Reverendíssimo Senhor Arcebispo de Madrasuma
em representação da S. Eminência o Cardeal Patriarca
de Lisboa
Senhores Embaixadores
Eminentes Confrades
Minhas Senhoras e Meus Senhores

1. Como Presidente da Academia e exprimindo o sentir colectivo dos nossos eminentes Confrades, pusemos o maior empenhamento na realização desta sessão de encerramento das comemorações do Segundo Centenário, que quisemos solene, por constituir um marco que desejamos que fique indelevelmente gravado na história da Academia.

Esta solenidade é reforçada pela honra da presença de S. Ex.^a o Presidente da República que se dignou presidir a esta Sessão. Aqui ficam os nossos profundos agradecimentos a que juntarei mais uma palavra de ordem pessoal por saber os ajustamentos a que Sua Ex.^a teve que proceder para poder estar presente hoje e a esta hora na Academia.

Esta sessão é, simultaneamente, de homenagem ao passado e uma profissão de fé no futuro. É um passado de dois séculos, que se confunde com a história da Cultura e da Ciência de Portugal. É um passado em que a tradição e a inovação se associaram para manter a vitalidade intelectual da Academia, o que lhe permitiu, não obstante a carência de meios e recursos, servir abnegadamente o País, com dignidade e isenção.

Soube ser útil e activa, valorizando a nossa cultura como a sua divisa lhe impunha e não actuar, apenas, como uma Instituição com função decorativa ou, exclusivamente, de «consagração de méritos dos que se distinguem pelos seus trabalhos científicos e literários».

Fomentou o labor científico e estendeu a sua acção inovadora à medicina, à agricultura, à economia, à educação, ao ensino, à engenharia. Lutou pela defesa e alargamento da Língua Portuguesa, organizou Serviços de Estado, criou Laboratórios, fundou Institutos.

Nomes célebres doutras gentes, doutras línguas e doutras culturas pertenceram ontem e pertencem hoje à teoria imensa dos nossos confrades. É que nos mantemos fiéis à substância dos velhos Estatutos: «Os estrangeiros insignes pelas suas letras e famosos pelas suas obras (...) que mostrarem estimar a associação da Academia, serão recebidos por sócios». Pois, juntaremos agora, com uma ponta de orgulho: muitos mostraram e mostram estimar a associação com a nossa Academia que, diga-se, em abono da verdade, até tem sabido escolher. É que a experiência revelou que muitos dos nossos confrades estrangeiros vieram, mais tarde, a atingir a proeminência da consagração internacional. E, assim, hoje a Academia conta no seu seio nomes grandes das Letras e das Ciências Universais.

Esta Academia, escol de humanistas e de oradores; de escritores e de mestres; de filósofos e de cientistas; de juristas e de engenheiros; de médicos e de economistas, é o repositório da nossa cultura e o símbolo da nossa maneira de estar no Mundo.

A defesa dos nossos valores espirituais tem sido uma constante, sempre presente, na cadeia ininterrupta de gerações sucessivas de homens ilustres, que têm servido a Academia. E nós, na nossa geração, não queremos desmerecer a responsabilidade que o exemplo dos nossos maiores nos aponta e impõe. E assumimo-la, enfrentando com coragem os vários problemas que nos afligem, alguns dos quais referirei na minha alocução.

Antes, porém, quero prestar um tributo de homenagem aos nossos confrades que faleceram no decurso das Comemorações. Seja-me permitido trazer aqui entre outros os nomes do General Luís Maria da Câmara Pina e do Almirante Avelino Teixeira da Mota, pelo entusiasmo que puseram na preparação das Comemorações do 2.º Centenário da Academia.

2. As comemorações do segundo centenário da Academia tem vindo a decorrer sob o signo da renovação. De forma discreta, mas persistente

e contínua, temos desenvolvido uma actividade cultural e científica, particularmente densa através da publicação de obras que ficarão a enriquecer o nosso património científico e cultural, de ciclos de conferências e de comunicações e, de forma especial, através da realização de uma série de Simpósios Internacionais em vários domínios das Ciências, que nenhuma outra Instituição em Portugal teria tido capacidade de organizar.

As obras produzidas no decurso das Comemorações estão patentes numa mostra, despretensiosa, mas concludente. Obras que são o fruto de um trabalho abnegado, desinteressado, quase sempre sem estímulos, em que os Académicos, seus autores, pode dizer-se, deram tudo: esforço, inteligência, talento e fazenda! E tudo, só por amor à Academia e por fidelidade aos princípios que nos guiam nesta Casa de Lafões, «Consagrada à glória e felicidade pública, para adiantamento da instrução nacional, perfeição das Ciências e das Artes e aumento da indústria popular».

Produziram-se trabalhos novos, aceleraram-se edições atrasadas, e retomaram-se edições esquecidas; reeditaram-se obras fundamentais e publicou-se um volume do *Dicionário da Língua Portuguesa*, instrumento indispensável da nossa política cultural; reeditou-se o famoso *Livro das Armadas*, e tudo isto, não obstante, a parcimónia dos recursos e das dotações da Academia.

Realizaram-se numerosas conferências e comunicações de altíssimo valor científico por académicos nacionais e estrangeiros. O Instituto de Altos Estudos da Academia, seguindo a sua tarefa, organizou vários colóquios sobre temas extremamente actuais. Entre estes, destacaremos os seguintes: «Acidentes da Viação», «Estudos Keynesianos», «História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal», «Violência».

Sobre a umbrela comum «Fronteiras do Conhecimento» («Frontiers of Knowledge») realizaram-se na Academia quatro grandes simpósios internacionais, que trouxeram até nós os cientistas mais notáveis do Mundo em cada um dos temas tratados, muitos deles galardoados já com o Prémio Nobel. Tivemos o concurso de cientistas notabilíssimos do Japão, da Alemanha, da Rússia, da Inglaterra, da França, da Itália, da Espanha, da Dinamarca, de Israel, da Holanda, do Canadá e dos Estados Unidos.

Permitam-me V. Ex.^{as} que pela sua proeminência e relevância para a vida científica e para a História da Ciência em Portugal, eu aqui os enumere:

New Trends in Bioinorganic Chemistry; New Trends in Nitrogen Fixation; Recent Advances in Statistics; Advances in Theory of Climate.

A publicação dos resultados destes simpósios, dado o seu alto mérito científico e a repercussão internacional que tiveram, foi disputada por vários editores internacionais, tendo, finalmente, recaído a escolha na «Academic Press», cujo prestígio no mundo do livro não sofre contestação. Desta série já foram publicados quatro volumes, patentes na exposição. Temos já notícia que alguns constituem textos de referência em grandes centros de investigação e em algumas Universidades, célebres, do mundo.

Dentro da tarefa de renovação que nos propusemos, uma das nossas preocupações actuais é retomar a representação da Academia em Organizações Internacionais de índole Cultural e Científica (ICSU, ESF, UNESCO), de participar em Congressos e Conferências Internacionais e de activar os nossos contactos com outras Academias, ou Instituições congéneres. Dentro desta linha de actuação, temos já um protocolo com a Royal Society, que tem permitido a visita de muitos cientistas portugueses aos grandes Centros de investigação e às Universidades do Reino Unido. É uma actividade discreta, mas que tornou já possível a estadia no Reino Unido, durante vários meses, de mais de trinta cientistas Portugueses e que permitiu trazer à nossa Academia, Professores Eminentes, que além de conferências e comunicações realizaram nas Universidades de Coimbra e de Lisboa vários cursos intensivos a nível de pós-graduação.

Esperamos vir a negociar outros protocolos semelhantes com as Academias da Suécia e da Irlanda e, possivelmente, com a Sociedade de Ciências do Japão. Vamos procurar retomar as relações perdidas com a National Academy of Sciences dos Estados Unidos, que nas décadas de 50 e 60 foram tão intensas e tão frutuosas.

Em homenagem à nossa Academia e para se associar ao seu segundo centenário, a Fundação Europeia da Ciência, («European Science Foundation»), agência do Conselho de Europa, reuniu em Lisboa, nas nossas instalações, de 24 a 25 de Junho com delegados dos Países da Europa e das várias Academias. Ainda, dentro desta política de aproximação com Instituições Irmãs, recebemos ontem na nossa Academia a visita dos membros da Academia Europeia de Ciências, Artes e Letras com sede em Paris, que estão em Lisboa para participar num Colóquio sobre Inovação e Educação a decorrer na Fundação Gulbenkian sob os auspícios da UNESCO e a que demos também o nosso patrocínio.

Começámos a trabalhar, com os nossos próprios recursos, tão escassos, na reorganização e na recuperação do Museu da Academia. Arecadámos já algumas peças dispersas ou esquecidas. Catalogámos, protegemos e arrumámos, com o apoio do Instituto Português do Património Cultural e da Universidade de Coimbra, a colecção das máscaras e de outras peças de alto valor etnográfico, algumas únicas, para o estudo das tribos da Amazónia. Refiro-me à famosa Colecção de Alexandre Rodrigues Ferreira (expedição de 1783), que constitui peça única no mundo e manancial de trabalho de investigação que está a atrair estudiosos de Universidades do Brasil e de Portugal.

Em âmbito nacional, e dentro das nossas tradições, incentivámos e apoiámos a formação de novas sociedades científicas, designadamente a «Sociedade Portuguesa de Electroquímica». O seu primeiro encontro nacional decorreu nas instalações da Academia, que também subsidiou o lançamento da Revista da Sociedade «Portugaliae Electrochimica Acta».

Ainda, dentro dos objectivos do programa das comemorações, alertámos, com veemência, o Govrno para o processo de expoliação de que a Academia, e à sua revelia, estava a ser, injustamente, vítima, e protestámos contra o que seria uma versão actual da famosa fábula de Fedro «Canis Parturiens». Demonstrámos que o edifício do extinto Convento de Jesus, da Ordem Terceira de S. Francisco, era por doação do Governo, propriedade da Academia das Ciências (Decreto de 27 de Out. 1834). «A recuperação da totalidade do imóvel da Academia e bem assim da respectiva cerca, considera-se indispensável para a defesa e valorização do seu património, incluindo a sua riquíssima Biblioteca e serviços que lhe incumbem».

3. Seja-me permitido, agora deixar uma palavra de lástima e de lamentação, que, se a não trouxesse aqui, seria pecado grave, por omissão. A estrutura e o funcionamento da riquíssima Biblioteca da Academia, que constitui um precioso instrumento de trabalho, apresentam problemas gravíssimos que urge enfrentar e que reclama solução rápida e imediata.

E digo, palavra de lástima, por termos que assistir impotentes à erosão do nosso património numa visão dantesca da aplicação da inexorabilidade da Lei da Entropia, a mais universal de todas as Leis do entendimento humano. É a destruição acelerada, que se não for atalhada, poderá, dentro de alguns anos, reduzir papel, tinta, encadernação e

insectos a uma pasta amorfa, pasmóide e ininteligível! E isto é um pecado para a nossa Cultura e um pecado mortal que as gerações vindouras não nos iriam perdoar!

E digo, palavra de lamentação, porque sentimos que temos andado a «pregar no deserto» sem encontrarmos das entidades responsáveis o apoio necessário e indispensável. — Como se pode compreender que a terceira, ou mesmo segunda Biblioteca de Portugal com um milhão de livros e que é depósito legal do Governo Português, possa funcionar com três funcionários, sem um único Técnico Superior, isto é, com menos pessoal do que qualquer posto de leitura pública da Província? — Como se podem atender leitores, satisfazer pedidos internacionais? — Como se pode cuidar das espécies e organizar catálogos? — Quem atende os eruditos estrangeiros que nos procuram?

Talvez, nestas condições, se devesse, pura e simplesmente, fechar a nossa Biblioteca, como, por vezes, tem sido preconizado. Fizemos uma proposta ao Governo no sentido de remediar esta situação. E julgamos que Sua Excelência o Ministro da Cultura, através do Instituto Português do Património Cultural, onde decorrem as conversações, está altamente empenhado em resolver a situação. Trata-se dum património colectivo, inestimável e raro e, em muitos casos, insubstituível e único, que convém preservar! Tal só se conseguirá dotando a Biblioteca, com um mínimo de dignidade, em meios humanos e materiais.

As cheias de 19 de Novembro passado produziram aqui, neste Salão nobre, estragos e, talvez, perdas irreparáveis, que só não foram mais extensas devido ao zelo de funcionários modestos desta Casa e ao espírito de abnegação de Sua Ex.^a o académico Inspector da Biblioteca, a quem prestamos, publicamente, as nossas homenagens. E aqui deixo um apelo para que sejam facultados à Academia os meios indispensáveis, que nós saberemos utilizar, a bem da preservação do nosso património, que queremos legar, inteiro, acrescentado e são, às gerações futuras.

Os Serviços de apoio e de Secretaria estão também desfalcados. Sabemos, no entanto, que o Ministério da Cultura está a dar o melhor da sua atenção a uma proposta feita pela Academia, no sentido de modernizar e remodelar estes Serviços, que esperamos que seja concretizada.

4. Seja-me permitido que aborde outro assunto candente. É o problema magno da Língua Portuguesa.

«A Academia é o órgão consultivo do Governo Português em matéria linguística» (art.º 5 dos Estatutos. Decreto-Lei 5/78 de 12 de Janeiro).

Parece-nos, pois, indispensável retomar as negociações com a Academia Brasileira de Letras, interrompidas em 1974, a fim de se prepararem as bases do acordo de unificação da ortografia e urge contactar as autoridades, competentes na matéria, dos novos Países de expressão Portuguesa.

A Academia entende, ser seu dever, continuar a lutar pela manutenção, pelo enriquecimento, e pela unidade da Língua Portuguesa e, ao mesmo tempo, a patrocinar a sua expansão. A Língua é imagem da nossa presença no Mundo. É o legado perdurável que deixámos espalhado pelos «quatro cantos da Terra», que «pela sua suavidade e doçura» permite exprimir os sentimentos profundos do homem em tantas formas de aculturação e em tão diversificados ambientes e que, pela sua amplidão, permite traduzir tantas e tão diferentes maneiras de dizer e formas de pensar.

Graças à acção da Comissão Lexicográfica da Academia, agora extinta por falta de apoio oficial, foi possível publicar o primeiro Volume do Dicionário da Língua Portuguesa, referente à letra A. São, de todo 793 páginas, com uma introdução de 115 páginas. É um volume que dignifica qualquer Instituição. Infelizmente, depois da saída deste volume, interrompeu-se a preparação dos outros volumes, pela razão já apontada! E pode constituir um erro fatal, porque um dicionário é um instrumento fundamental na salvaguarda dos padrões da Língua e na elaboração de qualquer política da Língua, ou mesmo, de qualquer política cultural, em relação aos novos Países de expressão Portuguesa.

Como foi em tempo proposto torna-se extremamente útil que se reconsidere o velho projecto da Academia para a «criação duma indispensável oficina lexicográfica onde trabalhem permanentemente seis a oito licenciados» para a elaboração do Dicionário. Porém, para levar a cabo esta tarefa ingente, tornar-se-ia indispensável a concessão de meios pelo Governo e a compreensão e o querer dos Ministérios da Educação e da Cultura. E seria um bom investimento porque, nós na Academia queremos, sabemos e, perdoe-se a imodéstia, temos o talento...

Confrontados com a necessidade de actualizar e de modernizar a Língua Portuguesa, que vemos definhar e perder a capacidade de comunicação nos domínios da Ciência e da Técnica, a Academia, mesmo sem estímulos, nem dotações que se impunham, instituiu um grupo de traba-

lho, que reúne nomes ilustres das Ciências, da Engenharia, da Linguística e da Filologia, para analisar este problema magno. O grupo de trabalho estudará a possibilidade de produzir um *Vocabulário Científico e Técnico da Língua Portuguesa*. Aproveitar-se-ão muitos esforços, já levados a cabo, devido a necessidades prementes sentidas por algumas Instituições e postas à Academia. Todavia, há que ajustar termos a criar neologismos, indispensáveis para que a Língua Portuguesa possa emparceirar com as suas congéneres em capacidade de comunicação, e de diálogo nesta era da tecnologia e da informática.

A Fundação Europeia da Ciência tem uma Comissão para lexicografia computacional e tem em preparação um projecto destinado a este fim, «Computadores e Dicionários». Não nos podemos deter e temos que participar neste projecto, sob pena de não sermos incluídos na «lista multilingue da Termonologia relevante» (ESF.-Communication, n.º 7, Summer 1983).

5. «A Academia das Ciências de Lisboa terá por objecto a cultura, a propagação e adiantamento das Ciências (...) bem como a consagração dos méritos dos que se distinguem pelos seus trabalhos científicos e literários» (art. 1.º Dec. 35.090/1943).

E assim é, e assim será!

Ponto alto desta Sessão, numa justíssima homenagem de consagração, foi a entrega do colar da Academia aos eminentes académicos, figuras grandês do panorama internacional da Ciência, e mestres insígnies, Prof. Pedro Manuel de Almeida Lima, Presidente desta Academia em tempos tão difíceis, e Prof. José Vicente Gonçalves, matemático ilustre. Esta distinção, histórica e singular, foi concedida, por unanimidade, pelo Plenário Geral da Academia, pelos altíssimos méritos científicos e pelos serviços relevantes que aqueles eminentes académicos prestaram à Academia.

Dentro das suas atribuições, a Academia tem prestado grandes serviços à ciência e à cultura, através da instituição de numerosos prémios com a sua função de estímulo e consagração. Logo na primeira assembleia pública da Academia em 4 de Julho de 1780 foi apresentado o programa dos prémios académicos, que especificava: «O fim porque se estabeleceram os prémios não foi só para adquirir notícias e adiantar as ciências...; mas também para excitar a emulação e espartar os engenhos nacionais para o estudo profundo das ciências úteis».

Sobre a redacção das «Memórias» (obras concorrentes) diz o programa: «Como a verdade é o objecto principal da sociedade, as memórias que pretenderam ser coroadas por ela devem ter um estilo ... conveniente à sublime singeleza da mesma verdade; nenhuma exageração, nenhuma declamação, nenhuma hipótese mal fundada (...) poderá (...) ser bem aceite à Academia; antes, esta estimará sempre ver a observação e a experiência serem as bases dos discursos sobre a natureza (...) «Nas Memórias não se podiam incluir senão cousas novas ou aperfeiçoadas».

A Academia atribui prémios em vários sectores das humanidades, da literatura, das Ciências, da Economia e da Técnica.

Os prémios científicos e literários, que actualmente são atribuídos pela Academia, vieram todos de mecenato privado. São custeados pelo rendimento de legados e doações dos instituidores que, em geral, fixam o objectivo e as condições da atribuição do prémio respectivo.

Com as desvalorizações sucessivas da moeda e com a inflação, alguns dos prémios actuais pouco mais são do que simbólicos. Mesmo assim, alguns deles continuam a ter grande prestígio. É o caso dos Prémios de Ciências Artur Malheiros e o Prémio de Literatura Ricardo Malheiros, cuja a fama se foi acentuando pela qualidade dos contemplados, os quais na grande maioria, viriam, mais tarde, a afirmar-se como nomes cimeiros da ciência e da literatura em Portugal.

A entrega dos prémios de ciências nesta Sessão tem um significado especial, pela solenidade da ocasião, e queremos que sirva de estímulo aos jovens cientistas agora distinguidos e de quem muito há ainda a esperar no futuro, para bem da Ciência Portuguesa.

Em testemunho da confiança que esta Academia inspira, continuamos a receber legados e doações para novos prémios académicos. Assim, está em estudo a regulamentação dos prémios de História Júlio Fogaça e do Prémio Internacional de Geografia Orlando Ribeiro. Estão aguardando publicação oficial os regulamentos do Prémio Tractores de Portugal e do Prémio António Alves Carvalho Fernandes, este instituído por doação da Standard Eléctrica para honrar a memória deste insigne académico e para premiar trabalhos de investigação nos domínios da electrónica e das comunicações.

Recentemente fomos abordados por uma entidade que pôs à disposição da Academia e, para se associar às celebrações do seu II Centenário, os meios suficientes para estabelecer um prémio internacional no valor de 1 400 000\$00 (equivalente a \$10 000 U.S. dollars).

A oferta foi feita sem quaisquer condições, de forma tão natural e tão discreta, numa atitude de elegância, de isenção e de fidalguia que nos desvaneceu, mas que agora nos sentimos na obrigação de divulgar. E, por isso, quero aqui anunciar, que a Academia abrirá no início de mais um século de vida com a instituição do *Prémio Internacional da Academia das Ciências de Lisboa, Vasco Vilalva*, a estimular os estudos das Ciências Agrárias em Portugal, destinado a galardoar o melhor trabalho original, de autor português ou estrangeiro, que se publique no mundo num período de três anos que verse um tema fundamental das Ciências Agrárias no nosso País.

6. Queremos que esta sessão solene, mais do que a sessão de encerramento do Segundo Centenário da Academia, constitua a sessão inaugural que anuncia o despontar do seu terceiro século de vida que não há-de desmerecer dum passado de que tem razão para se orgulhar. Não obstante as vicissitudes, incompreensões e dificuldades por que passou, a Academia soube superá-las, numa permanente renovação, adoptando novas perspectivas, novas formas de linguagem para poder cumprir e sempre fiel à sua divisa: ser útil à Comunidade!

Queremos que esta sessão abra as portas ao futuro e que constitua uma mensagem de esperança e uma afirmação de confiança nesta Academia, «jovem de duzentos anos» para que continue a ser a força motriz da cultura e do progresso da Ciência em Portugal.

Queremos que a Academia participe na dinâmica mental do nosso tempo, como Instituição de Estado, queremos dar uma colaboração activa e não nos restringirmos apenas a palavras.

Queremos contribuir para a preservação e difusão da Língua e para o engrandecimento da Cultura.

Queremos ter voz na elaboração das políticas da Ciência e no planeamento global da investigação.

Queremos que não se confundam equilíbrio, prudência e tradição com medo, conservantismo e estagnação.

Queremos incentivar os jovens a dedicar-se a «coisas novas na vanguarda da Ciência e na realização de ideias criadoras».

Queremos que a tradição, repositório de saber acumulado, seja viva e fecunda e que sirva de alicerce à inovação, num espírito de humildade e num confronto fecundo de ideias.

As incompreensões e às dificuldades, que vão surgindo no processo de renovação da Academia, em que nos temos vindo a empenhar nos

últimos tempos, juntam-se também muitas alegrias. E, todas, só podem contribuir para inculcar mais em nós o sentimento da responsabilidade e o amor pela Academia. E deixemos que a abnegação, a isenção, a dignidade, a tolerância, a cordialidade, o zelo, o convívio civilizado e o espírito da independência, de que os nossos antecessores nos deram tantas provas, nos continuem a guiar e a servir de exemplo.

E, com clarividência e humildade, tenhamos presente a condição inexorável da natureza humana, que nos impõe obrigações, já expressas na mensagem profética do *Ecclesiastes*:

«Porque na muita sabedoria há muita tristeza,
todo aquele que aumenta a sua ciência,
aumenta a sua dor» (1.18)

«É que Deus impôs ao homem este dever ingrato» (1.12)

E assim continuaremos, com canseiras, trabalhos, agruras e alegrias a servir a Cultura Portuguesa, porque servimos a Academia.

Tenho Dito

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA